



## REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: PERCURSO DE UMA PROFISSÃO FEMININA

Roxane de Alencar Irineu<sup>1</sup>

Rodrigo Dornelas<sup>2</sup>

Eixo Temático: Educação, corpo, sexualidade, gênero.

**Resumo** Na conjuntura atual a divisão sexual do trabalho ainda traz reflexos no exercício de algumas profissões associadas a gêneros específicos. Pode-se citar a fonoaudiologia como um exemplo de profissão reconhecida como feminina. Assim, este estudo teve como objetivo compreender as representações de gênero no exercício da Fonoaudiologia. Participaram desta pesquisa dez sujeitos, por meio de uma entrevista aberta. As respostas foram organizadas em três categorias. Para análise de dados, utilizou-se a Teoria das Representações e Análise de Conteúdo. Como resultados, os profissionais ainda identificam a fonoaudiologia como uma profissão feminina e a identificação com o feminino é associado ao início da profissão por apresentar um caráter essencialmente assistencialista.

**Palavras-Chave:** Identidade de Gênero; Educação; fonoaudiologia.

**Abstract** In the current sexual division of labor situation still brings reflections on the exercise of certain professions associated with specific genres. One can cite the speech as an example of profession recognized as female. Thus, this study aimed at understanding gender representations in the course of speech therapy. Ten subjects participated in this study through an open interview. Responses were organized into three categories. For data analysis, we used the Theory of Representations and Content Analysis. As a result, professionals still identify the speech as a female profession and identification with the feminine is associated with the onset of the profession by presenting an essentially paternalistic character.

**Keywords:** Gender Identity; education; Speech, Language and Hearing Sciences.

### Introdução

Este artigo é fruto das calorosas discussões sobre gênero vivenciadas na disciplina “Gênero e Educação” cursada na Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Federal. De maneira despretensiosa iniciou-se o debruçar sobre a temática em questão. Aos poucos a curiosidade e a afinidade com o tema foi surgindo e a imersão foi a consequência. A distinção entre a perspectiva dos diferentes olhares dos

1 Mestre, Educação em saúde, roxaneirineu@gmail.com

2 Mestre, Educação em saúde, rodrigodornela@uol.com.br

sujeitos de diversas profissões que faziam parte do grupo formado na disciplina foi rico e instigante. Profissionais da educação, letras, educação física, história, contabilidade, fonoaudiologia e outros fizeram

parte desse compartilhamento de experiências e a cada encontro fortaleciam-se os laços identitários com o tema gênero, mulher, identidade, sexualidade, corpo, direitos humanos e cidadania. Foi-se formando um saber compartilhado com diferentes olhares e perspectivas.

Portanto, na tentativa de trazer à discussão o olhar da saúde sobre as questões de gênero propõe-se este trabalho que foi norteado por algumas interrogações: Por que a Fonoaudiologia é uma profissão majoritariamente feminina?

O que identifica a mulher a essa categoria profissional?

Existem papéis predeterminados para os diferentes sexos/gêneros?

Qual a relação do tema gênero com a Fonoaudiologia?

Para responder às questões acima retomou-se às referências sugeridas na disciplina e àquelas disponibilizadas nas diferentes bases de dados on line (scielo, lilacs, bireme) e recorreu-se também a uma pesquisa de campo. Nesse sentido, discutiremos ainda que brevemente a trajetória do movimento feminista, os conceitos e definições sobre gênero, por ser ele, provavelmente, a chave que fundamentará as dúvidas elencadas. E será abordado, ainda, um pouco do percurso histórico da Fonoaudiologia.

### **Uma revisita ao movimento feminino no mundo do trabalho**

Com a entrada das mulheres e crianças na produção social, por volta de 1830 a 1870, o feminismo aparece como questão social, o que ocasionou grandes modificações em todos os campos da sociedade feudal. As atividades que as mulheres exerciam no mundo privado foram transferidas para a sociedade, produzindo mudanças profundas no mundo da mulher e, conseqüentemente, trazendo à tona a forma de trabalho desprovido de informações, sem proteção legal, baixa remuneração e, ainda, sofrendo a concorrência e agressividade de seus companheiros na casa e no trabalho (ALAMBERT, 1986).

Partindo do pressuposto que o capital se serve das diferenças na força de trabalho, naturalizando-as e acentuando-as, tem-se a partir disto uma divisão sexual do trabalho. Determinados ramos foram e são considerados masculinos e outros femininos. A inserção da mulher no mercado de trabalho se deu, por exemplo, no ramo da confecção que é considerado quase exclusivamente feminino, pois comportava uma flexibilização e uma versatilidade nos processos de produção. As atividades femininas no mundo do trabalho eram uma extensão de suas atividades domésticas/do lar, não exigiam, em princípio, formação escolar e nenhuma qualificação formal (CASTRO, 1992).

A família patriarcal, a relação da família com o mercado e, portanto, o peso da dinâmica familiar na sociedade pauta/pautou a divisão sexual do trabalho. O patriarcado configura-se não apenas como um sistema de poder, mas também um sistema econômico (FOLLADOR, 2009).

No entanto, no avançar da história, com a formalização do emprego feminino, o papel masculino de provedor da família foi minimizado, diminuindo, por consequência, o poder patriarcal e determinando mudanças significativas nas famílias e também redefinição dos papéis sexuais dos respectivos membros.

### **Breve histórico sobre Fonoaudiologia**

A Fonoaudiologia, considerada em diversos estudos como uma profissão majoritariamente feminina (FREIRE E FERREIRA, 1989; 1994) tem seu início na década de 30, direcionada à preocupação da Medicina e Educação com a profilaxia e correção de erros de linguagem apresentado por escolares (CFFA, 2014). O grande impulso de quantificar, medir e padronizar comportamentos nas escolas levantaram “vícios e defeitos” na fala das crianças contribuindo para a aprovação de um “Código de Educação” que prevê assim a criação de Escolas Ortofônicas que prezam pelo “falar bem” (FERREIRA, 1995).

Nesta direção, a criação dos movimentos Saúde Escolar e Escola Nova e com o Nacionalismo, este último direcionado à defesa da língua pátria, contribuíram para a efetiva criação da profissão. Assim, o fonoaudiólogo era concebido como um professor especializado que deveria atuar na profilaxia e correção de erros na linguagem decorrentes de perturbações orgânicas e de “variações dialetais” (NETO 1988). Com a Segunda

Guerra mundial, houve uma grande incidência de acontecimentos neurológicos que causavam problemas de locomoção e linguagem. E com isso iniciou-se uma relação muito próxima com outras profissões, ampliando o escopo de atuação do fonoaudiólogo.

Percebe-se que a Fonoaudiologia tem seu início intrinsecamente ligado à Educação e, ao longo do tempo, também se aproxima da medicina. Neste movimento o perfil do profissional se delineia, as exigências do mercado para se trabalhar as questões propostas no exercício da profissão se configuram como um norteador do perfil do profissional. Algumas características como o público alvo a ser trabalhado, na época, crianças com problemas de linguagem, a prática exigida, elaborar tarefas para corrigir “defeitos na fala” se configuram como um profissional que possuísse habilidades para lidar com crianças e elaborar atividades lúdicas. Assim, a expectativa de quem poderia exercer tais atividades de acordo com o processo de construção histórico da divisão sexual do trabalho e a identificação com as práticas desenvolvidas, as mulheres foram as precursoras no exercício da profissão. Mesmo que os primeiros cursos de Fonoaudiologia tenham sido trazidos por homens, o exercício da profissão se iniciou com as mulheres. A escolha pela Fonoaudiologia é discutida por Ferretti (1975) sendo a quarta profissão mais procurada por mulheres. Para o mesmo autor a alta predominância de escolha por profissões paramédicas (em que a Fonoaudiologia está inserida) pode ser ditada por motivações de caráter assistencial, diferente dos homens que a motivação para a escolha da profissão é predominantemente econômica. Há diversos estudos que abordam o perfil do profissional fonoaudiólogo, levantamentos de idade, titulações e locais de trabalho são bastante explorados em pesquisas (CRFA, 1997; STEFANI E COLS., 2004), porém poucos estudos trazem à tona a discussão sobre gênero e Fonoaudiologia. Foram pesquisadas diversas bases de dados estudos que contemplassem a fonoaudiologia e gênero e não foram encontrados artigos que tratassem da temática de forma discursiva e não apenas descritiva. Assim, essa pesquisa se justifica pela importância de se discutir as práticas profissionais no âmbito do gênero, principalmente daquelas profissões consideradas específicas de determinado gênero.

## **Objetivos**

Compreender as representações de gênero no exercício da Fonoaudiologia.

## **Métodos**

Este estudo de natureza qualitativa utilizou a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici, para compreender as representações dos trabalhadores e trabalhadoras em Fonoaudiologia sobre a feminização no exercício profissional.

Segundo Minayo (1993), a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza, referem ainda que o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos.

### **Local e Sujeitos do estudo**

Foram sujeitos desta pesquisa fonoaudiólogos e fonoaudiólogas em exercício profissional, com tempo de formação mínima de 05 anos. Nestas circunstâncias, qualquer profissional que estivesse dentro dos critérios de inclusão, poderia participar. Caso a pessoa abordada aceitasse, era entrevistada imediatamente ou posteriormente em horário agendado.

### **Procedimentos de coleta**

Utilizou-se para a coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas realizadas com 05 fonoaudiólogas para analisar o processo de trabalho a partir das suas representações sobre as questões de gênero. Foram enviados e-mails a 65 fonoaudiólogos convidando-os a participar da pesquisa, porém apenas 10 deram retorno. Durante as entrevistas abordaram-se as trajetórias e as representações de homens e mulheres sobre o significado da predominância de mulheres no exercício da fonoaudiologia e a repercussão na prática

profissional. Teve-se como questão norteadora desta pesquisa: Como você compreende a feminização da fonoaudiologia e como isso repercute na profissão?

#### Análise dos dados

Para analisar os dados utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo (AC) a partir do modelo de Bardin (2008) que propõe três momentos subsequentes de análise dos dados, a saber: pré-análise – período de intuições – sistematização das ideias iniciais; exploração do material – codificação, decomposição ou enumeração de acordo com regras pré-estabelecidas e; tratamento dos resultados obtidos e interpretação – organização e apresentação dos resultados em diagramas, figuras etc.

A AC é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplica a vários contextos e tem como características metodológicas, a objetividade, sistematização e a inferência. A AC tem como objetivo verificar hipóteses e questões (DIAS, 2014).

Os achados serão tabulados, organizados de acordo com o objetivo do estudo. Serão ainda estabelecidas as relações existentes entre os achados deste estudo e o referencial teórico pesquisado.

#### Resultados e Discussão

Participaram desta pesquisa dez sujeitos sendo quatro do sexo masculino e seis do sexo feminino, as respostas foram organizadas em categorias de acordo com a frequência em que surgiram no decorrer das entrevistas.

##### Categoria 1 - Papéis de Gênero e Trabalho

**R1** “As **mulheres** por serem mais **detalhistas, minuciosas** ajudam a desenvolver principalmente o lado “*intelectual*” da profissão através de muita pesquisa, por estarem mais inseridas no meio acadêmico...”

**R2** “Percebo também como área nova e relacionada à **qualidade de vida** que são **valores da ótica feminina**, além do que as inovações são historicamente impulsionadas por mulheres e não por homens”.

**R3** “Acho que a **predisposição feminina** em escolher uma área como a Fono, e demais áreas com a mesma característica de atuação, pode ser um **reflexo da cultura imposta principalmente para a mulher desde a infância...**ela tem de **aprender a cuidar...**seja de filho, relação afetiva, marido, familiares...e numa situação profissional acontece uma **transferência desse aprendizado que foi imposto a ela desde cedo**: agora se cuida de pacientes, alunos, clientes, etc”.

**R6** “...muitas mulheres escolhem a fonoaudiologia porque se sentem mais **próximas de crianças, da educação**, etc”.

A discussão sobre gênero alcançou notoriedade no Brasil a partir dos movimentos sociais que marcaram a metade da década de 1970 e toda a década de 1980, trazendo uma nova versão da mulher brasileira que vai às ruas na defesa e seus direitos e suas necessidades e que realiza enormes manifestações de denúncia de suas desigualdades. O feminismo, portanto, é um movimento social que abriu novas perspectivas e que trouxe novas questões aos campos disciplinares, à produção do conhecimento e à ciência (CRUZ, 2006). O movimento feminista trouxe à luz questões antes não percebidas inclusive pelas mulheres como, por exemplo, os papéis de gênero.

A naturalização desses papéis foi por muito tempo algo indiscutível, aquilo que é por si, determinado pela natureza biológica. Portanto, mulheres ao adentrar o mundo profissional buscavam a extensão de seus lares, optavam por ocupações ditas femininas. Nos relatos dos sujeitos acima apresentados, observa-se, ainda no século XXI, a manutenção dessas concepções de papéis predeterminados, quando nos fragmentos dos discursos fala-se em “*valores da ótica feminina*”; “*cultura imposta...para a mulher desde a infância*”; “*predisposição feminina*”; “*ela tem de aprender a cuidar*”; “*próximas de crianças, da educação*”.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. Quando se afirma, por exemplo, que é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se rigorosamente, naturalizando um resultado da história. Tais papéis passam a se inscrever na “natureza feminina” (SAFIOTTI, 1987).

Bourdieu (1999) e Louro (1997) apontam a escola como uma força conservadora e responsável pela reprodução da dominação masculina. Fala-se de identidades “escolarizadas”, onde os gestos, movimentos e sentidos são incorporados por meninos e meninas. Na escola eles aprendem a ouvir, calar, falar e, também, a preferir os sons, sabores, cheiros “bons” e “decentes” e a rejeitar os indecentes. Aprende-se o que, a quem e como tocar; fazendo com que tenha e se desenvolvam algumas habilidades e não outras. Todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e produzem diferença. A escola distingue os corpos e as mentes dos meninos e das meninas e, desta forma, os sujeitos, por sua vez, transformam-se em passivos receptores de imposições externas.

Bordieu (1999) em seu texto “A dominação masculina” traz alguns aspectos pertinentes sobre o processo de submissão da mulher e a influência de fatores biológicos, sociais e culturais como justificativa, refere que a expectativa da sociedade e as cobranças exercidas sobre as diferenças biológicas no sentido de limitação legitima a dominação masculina inscrevendo-a em uma natureza biológica que é também uma construção social naturalizada.

Muitos autores questionam essa determinação natural dos comportamentos de homens e mulheres, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos. Grossi (1998) ao discutir sobre o papel de gênero, no sentido que se usa no teatro como uma representação de um personagem, retoma um estudo clássico chamado “Sexo e Temperamento” de Maragareth Mead, que mostrou que numa mesma ilha da Nova Guiné três tribos diferentes atribuíam papéis muito diferentes para homens e mulheres. Temperamentos de agressividade e passividade associados, respectivamente a homens e mulheres não se confirmaram nesse estudo. Portanto, segundo a autora, o papel de gênero não é biologicamente determinado. Já quanto à identidade de gênero, algo mais complexo por se tratar de uma construção social, a autora se baseia no estudo de um psicólogo norte-americano Robert Stoller com hermafroditas que tiveram seus genitais escondidos e, por engano, foram rotulados com o gênero oposto ao de seu sexo biológico. E conclui com uma afirmação: é mais fácil mudar o sexo biológico do que o gênero de uma pessoa, pois a criança aprende a ser menino ou menina até os três anos, momento de passagem pelo complexo de Édipo e pela aquisição da linguagem.

Sorj (1992) concorda que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino e feminino observado na sociedade. Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo de gerações.

Apesar da dominação masculina discutida pelos autores, observa-se no relato de um sujeito uma dominação feminina na área da fonoaudiologia em termos intelectuais e acadêmicos, pois são muitas as mulheres inseridas na academia e desenvolvendo um grande número de pesquisas científicas: “...As **mulheres** ajudam a desenvolver principalmente o lado “intelectual” da profissão através de muita pesquisa, por estarem mais inseridas no meio acadêmico...”.

## **Categoria 2 - Construção histórica**

Nesta categoria os entrevistados justificam a feminização da fonoaudiologia por conta de fatores históricos, seja pelos atores envolvidos na criação da profissão, ou pelo elo com a Educação.

**R1** “A fonoaudiologia praticamente se **iniciou por causa das mulheres** a pelo menos 50 anos, como logopedia. Muitas eram professoras que viam em seus alunos muitas deficiências relacionadas à

*aprendizagem e a escolaridade e foram aplicando técnicas a fim de melhorar o desempenho da escolaridade e do aprendizado”.*

**R5** *“A história da fonoaudiologia responde em parte pela feminização. Os logopedistas que receberam o título após trabalhar com crianças com deficiência auditiva ou com atraso de fala e aí vai, eram na maioria professoras”.*

**R8** *“Sempre existiu o **estigma de ser uma profissão feminina**”.*

O relato de um sujeito (R8), do sexo masculino, mencionando o “estigma” vivido pela profissão por ser feminina, deixa claro um oculto preconceito e discriminação imposto àquilo que se relaciona a mulher. Como se parecer feminino, identificar-se com o feminino fosse algo menor, pouco importante e menos valorizado. Por isso o uso do termo “estigma”, que segundo Goffman é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. “Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem”.

Ao analisar a construção histórica da Fonoaudiologia remete-se, também, à questão dos papéis sociais de gênero. Foi aprendido socialmente que à mulher cabe o cuidado das crianças, das relações, da educação e também dos pacientes.

### **Categoria 3 - A mulher trabalhadora**

As condições de trabalho foram relatadas pela maioria dos entrevistados, que relacionam a fonoaudiologia com a precariedade das condições de trabalho.

**R1** *“...em muitos aspectos as **mulheres deixam a desejar ainda nos quesitos relacionados à praticidade**. Eu até brinco com nossas colegas no sentido de que por ser uma profissão onde a maioria é mulher, devem ficar espertas porque nós homens estamos cada vez ganhando mais espaços.”*

**R2** *“É também **remunerada com menos valia** pelas demais profissões e por cultura por ter em **sua maioria mulheres profissionais**”.*

**R3** *“Numa profissão com **predominância de mulheres**, infelizmente do **ponto de vista econômico/profissional, não há o devido valor** e acredito que a remuneração profissional passa por isso.”*

**R4** *“A feminização, ao me ver, em alguns momentos, acaba **“problematizando”** algumas questões como por exemplo a **questão ética**”.*

Constata-se uma desvalorização monetária da fonoaudiologia que, segundo os sujeitos entrevistados, relaciona-se ao fato de ser uma profissão majoritariamente feminina e, como tal, não tem seu devido reconhecimento. Encontra-se na literatura algumas explicações para este fato:

Safiotti (1987) ressalta que o trabalho extraluar da mulher foi considerado por muito tempo, ou ainda o é, como “ajuda” ao marido e, por conseguinte, na qualidade de mera “ajudante”, à mulher se oferece um salário menor, ainda que ela desempenhe as mesmas funções que o homem. A própria mulher, admitindo seu trabalho tão-somente como “ajuda”, aceita como natural um salário inferior. O que se pode detectar, mais uma vez, como processo de naturalização de uma discriminação exclusivamente sociocultural.

Registra-se uma feminização do setor saúde na década de 1970-1980 com uma integração crescente de profissionais de nível superior (especialmente medicina e odontologia), sob a forma de assalariamento, o que indica, por sua vez, tendência à queda do nível de renda nesta faixa altamente qualificada (CASTRO, 1997).

Encontra-se também como explicação para a desvalorização econômica da profissão, a questão da dominação masculina:

Bordieu (1998) ilustra sua teoria sobre a dominação masculina com um estudo de caso, de natureza

etnográfica, realizado entre as décadas de 1950 e 1960, em uma tribo árabe denominada Cabila. Nesse estudo, o autor tenta comprovar a dominação do homem antropologicamente, quando constata que em Cabila a ordem masculina está arraigada, se impõe como auto-evidente, universal, o homem mostra-se como o ser que detém o monopólio do humano. Segundo o autor o corpo é o primeiro lugar que se inscreve as disputas do poder e, desta forma, o sexo define se seremos dominado ou dominante.

Saffioti (1987) fala da face oculta do “privilégio” do macho e menciona que no momento em que o homem entender que também é prejudicado pelas discriminações praticadas contra as mulheres, a supremacia masculina estará ameaçada. E com ela estarão também ameaçados o duplo padrão moral que alimenta a família burguesa, a própria família e o domínio dos poderosos.

Foucault, em seu livro Vigiar e Punir (1987), ressalta que a disciplina fabrica indivíduos e cujo a técnica tem o poder de tomar os indivíduos como objetos e como instrumentos de seu exercício. Diz, ainda, que o processo de fabricação de sujeitos é continuada e muito sutil, quase imperceptível. Portanto, a tarefa mais urgente é desconfiar do que é tomado como “natural”.

### Conclusão

Como se observou nas entrevistas foram extraídas três categorias, a saber: papéis de gênero e trabalho; construção histórica e; a mulher trabalhadora. Os entrevistados justificam a feminização da fonoaudiologia pelo processo histórico em que a profissão foi construída e os atores envolvidos neste processo. As condições precárias dos contratos de trabalho são relacionadas, de modo geral, ao reconhecimento social da profissão como feminina, o que ratifica a divisão sexual do trabalho em que a mulher ainda é menos valorizada do que o homem. Este estudo se configura como um marco importante para a área da saúde e, especificamente para a fonoaudiologia, profissão que, ao comemorar 34 anos de regulamentação, ainda não se ocupou em discutir em publicações as questões de gênero que envolve o percurso da profissão. Espera-se que este estudo seja ampliado, tanto no que se refere ao número de sujeitos entrevistados, mas principalmente de pesquisadores que possam iniciar uma reflexão acerca da temática envolvida.

### REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Z. MARX e ENGELS. **A questão feminina como questão social**. In: Feminismo: o ponto de vista Marxista. São Paulo: Nobel, 1986.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Prol Editora, 2008.

BOURDIEU, P. A dominação masculina em questão. In: LINS, D. **A dominação masculina revisitada**. São Paulo. Ed. Papirus. 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CASTRO, M.; LAVINAS, L. Do feminismo ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 1992.

CFFA. **Conselho Federal de Fonoaudiologia**: História da Profissão.

Disponível em:

[www.](http://www.fonoaudiologia.org.br)

[fonoaudiologia.org.br](http://fonoaudiologia.org.br)

(Acesso em 20/06/2014).

COSTA, Ana Alice Alcântara. **Trajetória e perspectivas do feminismo para o próximo milênio**. In: Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares/ Elizete Passos. Salvador: UFBA, Núcleo de estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. 283p.

CRFA2. Conselho Regional de Fonoaudiologia do Estado de São Paulo. 2ª região Perfil do fonoaudiólogo no estado de São Paulo. São Paulo: **Conselho Regional de Fonoaudiologia do Estado de São Paulo**. 2ª região; 1997.

CRUZ, M. H. S. Dimensões do feminismo em Sergipe. **Cadernos Feministas de Economia & Política**. Recife: Casa da Mulher do Nordeste, n.3, 2006, p.141-164.

DIAS, A.F. **Representações Sociais de gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação**. Edições UESB. 2014.

FERREIRA, L. P. et al. **Voz Profissional: O profissional da voz**. Carapicuíba – SP. Editora Pro-Fano, 1ª edição, 1995.

FERRETTI, C. J. **A mulher e a escolha vocacional**. *Cadernos de Pesquisa*, 16 20-40, 1976.

FIGUEIREDO, Neto. L. E. **O início da prática Fonoaudiológica na Cidade de São Paulo – “Seus Determinantes Históricos e Sociais”**. São Paulo (Tese Mestrado Pontífice Universidade Católica – PUC – SP), 1988.

FOLLADOR, K. J. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato & versões/** n.2, v.1/ p.3-16/2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da punição**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, R.M.; FERREIRA, L.P. Quem é esse profissional, o fonoaudiólogo?  
**Distúrb da Com**. São Paulo, vol. 7, n. 1, p. 45-53, 1994.

FREIRE, R.M.; FERREIRA, L.P. Quem é esse profissional, o fonoaudiólogo?  
**Distúrb da Com**. São Paulo, vol. 3, n. 1, p. 105-9, 1989.

GROSSI, M.P. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, p. 1-18, 1998.

LOURO, G. L. A construção escolar das diferenças. In: **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 57-109, 1997.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo / Rio de Janeiro: Hucitec / ABRASCO, 2a Edição, 1993.**

OLIVEIRA, R. de. Cap.2. **A armadilha da igualdade**. IN: Elogio da diferença. O feminismo emergente. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SAFIOTTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna. 1987.

SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade. In: COSTA, A. E BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.15-23.

STEFANELI, F.R.; MONTEIRO, K.D.; SPINELLI, R.L. Perfil do fonoaudiólogo na cidade de São José dos Campos. **Rev CEFAC**. vol. 6, n. 1, p, 101-05, 2004.

Recebido em: 29/06/2014

Aprovado em: 29/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort



Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: